Investigação sobre o Entendimento Humano, de David Hume — Ficha de leitura

12.º Ano | Filosofia | 4 páginas | 12 exercícios

Competências que desenvolve: leitura integral da obra — as seções centrais (impressões e ideias, associação, a divisão, a conexão necessária, o testemunho), reconstruções, confronto com Russell e aplicação do princípio da prova (Aprendizagens Essenciais, Organizador «Trabalho sobre cada uma das obras»).

Revisão rápida — *Investigação sobre o Entendimento Humano*

- **Contexto e forma:** 1748 — exame conciso, publicado depois de o *Tratado* ter sido ignorado; não é tratado: é uma *investigação*, seção a seção.
- **Impressões e ideias (seção II):** percepções dividem-se em impressões (vivas) e ideias (cópias delas na memória) — sem ideias inatas: tudo vem de impressões.
- **Associação (seção III):** as ideias ligam-se por três relações — semelhança, contiguidade, causa e efeitos.
- **A divisão (seção IV):** todo o objeto do pensamento é *relação de ideias* (a priori, demonstrativo, certo) ou *questão de facto* (da experiência, probável).
- **Conexão necessária e testemunho:** a necessidade entre causa e efeito vem do costume — e no testemunho, o sábio proporciona a sua crença à prova.

Exercícios

1. V/F: a) A obra foi publicada em 1748, depois de o *Tratado* ter sido ignorado → __ b) Hume aceita ideias inatas → __ c) As ideias derivam-se de impressões → __ d) A obra é um tratado de moral → __

2. Completa: a) as percepções dividem-se em __ e __ b) as ideias derivam-se de __ c) a divisão da seção IV separa relações de __ de questões de __ d) a conexão necessária vem do __.

3. Liga cada ligação à sua relação (banco: *semelhança · contiguidade · causa e efeitos*): duas ideias parecidas → __ · no mesmo tempo e lugar → __ · uma é efeito da outra → __.

4. Contexto: escreve 2 linhas sobre a ocasião da obra (data, o que aconteceu ao *Tratado* e a forma escolhida).

5. Reconstrói o argumento da conexão necessária: P1 (o que a experiência mostra) __ P2 (o que a razão não vê) __ C: logo a ideia de necessidade vem do costume.

6. Completa o mapa: impressões → percepções __ · ideias → __ das impressões · associação → __ relações · necessidade → __ · crença no testemunho → proporcionada à __.

7. Ordena o percurso da obra (1–5): __ a divisão (relações de ideias / questões de facto) · __ o assunto e o método (o que examinar) · __ a conexão necessária e o costume · __ impressões e ideias · __ o testemunho e a prova

8. Análise: *«O sábio proporciona a sua crença à prova: onde não há prova, não há obrigação de crer.»* a) Tese: __ b) O que isto exige de um relato extraordinário: __

© 2026 Estudantices

9. Confronto com o elenco: *Investigação* e *Os Problemas da Filosofia* de Russell — o que partilham (análise dos limites, graus em vez de garantias) e onde divergem (Hume mina a razão; Russell compõe o conhecimento com cuidado).

10. Erro de leitura: «Hume nega que conheçamos o exterior — para ele, tudo é hábito e ilusão.» Corrige com o que o costume funda, segundo a obra.

11. Produção: um relato extraordinário circula publicamente. Aplica o princípio da prova proporcionada — em 4 linhas, como avalias a tua crença nele.

12. Esboço de ensaio: «O costume é o fundamento do nosso conhecimento do mundo?» — tese com a obra, argumento (conjunção → determinação), objeção (o costume engana-se, e a ciência avança), resposta e aplicação.

© 2026 Estudantices

Soluções — Investigação sobre o Entendimento Humano, de David Hume

1. a) V b) F (sem ideias inatas — tudo vem de impressões) c) V d) F (é um exame do entendimento).

2. a) impressões, ideias b) impressões c) ideias, facto d) costume (hábito do espírito).

3. parecidas → semelhança · mesmo tempo e lugar → contiguidade · uma é efeito da outra → causa e efeitos.

4. (modelo) 1748, em inglês, depois de o *Tratado* ter sido ignorado pelo público — Hume escolhe a forma concisa de investigação, seção a seção, para levar a análise ao conhecimento comum em vez de um sistema volumoso.

5. P1: na experiência vemos apenas a conjunção constante — A segue-se a B, sempre · P2: a razão não vê nexo necessário entre objetos distintos — do «é» não se deduz o «deve ser necessariamente» · C: logo a ideia de conexão necessária não vem dos objetos nem da razão — vem do costume, da determinação do espírito a esperar o que costuma seguir-se.

6. vivas · cópias · três · costume (hábito) · prova (evidência).

7. ordem: 1 assunto e método · 2 impressões e ideias · 3 associação (III) · 4 divisão (IV) · 5 conexão necessária (VII) → e o testemunho (a prova proporcionada) fecha a aplicação.

8. a) a crença não é obrigação de quem não tem prova — é medida pela evidência que se tem b) quanto mais extraordinário o relato, mais prova se exige: sem provas proporcionais, a crença desproporcionada é erro — o princípio obriga a perguntar sempre «que evidência acompanha este relato?».

9. Partilham: ambos analisam o que o conhecimento pode — sem garantias absolutas, com graus: Hume distingue o certo (relações de ideias) do provável (questões de facto); Russell separa familiaridade de descrição e trata a indução como problema. Divergem: Hume *mina* a razão até ao costume (ceticismo); Russell *compõe* o conhecimento com cuidado (a priori, experiência, a filosofia como liberdade do espírito). Do mesmo lado analítico, direções opostas.

10. Erra: Hume não conclui «ilusão» — o costume funda uma *crença razoável*: a expectativa de que o sol nascerá não é demonstração, mas é proporcional à experiência constante. A distinção é entre certo e razoável, não entre verdade e ilusão — o exterior mantém-se como questão de facto, provável e vivido.

11. (modelo) Pelo princípio: a crença é medida pela prova — quanto mais extraordinário o relato, mais evidência se exige. Passos: (i) o que exatamente se afirma? (ii) há testemunho verificável e independente? (iii) há explicação alternativa mais simples? Só depois (iv) decido a crença — e mesmo então como provável. Sem provas proporcionais, o sábio não crê: não por cinismo, mas porque a crença desproporcionada é o próprio erro.

12. (modelo) Tese: o costume é o fundamento — mas não a garantia — do nosso conhecimento do mundo. Argumento: da conjunção observada à determinação do espírito: é aí que nasce a ideia de necessidade. Objeção: o costume engana-se (ópticas, presunções), e a ciência avança justamente contra ele. Resposta: a ciência corrige expectativas concretas sem abolir o princípio — só o costume nos põe à procura de causas melhores; o que se exige é proporcionar a crença à prova, como diz a obra. Aplicação: previsões e opiniões devem medir-se pela constância do que se observou, não pelo hábito de as repetir.

© 2026 Estudantices